

OFICINA ITINERANTE DO PIBID GEOGRAFIA: CARTOGRAFIA E CULTURA GAÚCHA

KAINAN RODRIGUES¹; TIAGO PERLEBERG²; ADRIANO SIMON³; LIZ CIRSTIANE DIAS⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) _ kainansanto@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) _ tiagoperleberg@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) _ adrianosimon@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – liz.dias@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo elucidar o trabalho realizado por um grupo de alunos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) pertencentes ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Pelotas. Buscou-se trabalhar a par de diversos referenciais teóricos, principalmente dos Parâmetros Curriculares Nacionais, articulando o ensino da cartografia e a composição étnica cultural que compõe o estado do Rio Grande do Sul.

A diversidade étnica apresentada no Rio Grande do Sul é um fato intrigante nas mais variadas localidades, sendo que, os diversos povos que a compõe pouco sabem de suas origens culturais, características e peculiaridades.

As crianças adquirem no decorrer da sua infância traços étnicos culturais que tendem a preservar no decorrer de suas vidas, mas qual as suas origens? Porque é importante estudar mais a fundo sobre esse acervo cultural tão diversificado?

Existe falta de conhecimento mais aprofundado das pessoas sobre os diferentes grupos étnicos no RS, muitas vezes por preservarem suas culturas fortemente enraizadas, esquecem e não tem o conhecimento, que em determinado momento as peculiaridades existentes sofreram influencia direta ou indireta de outros povos, tanto dos que já habitavam a região (índios), como os que foram forçados a vir para o RS pelos mais diferentes motivos, dentre eles podemos citar o trafico de escravos provindos da África e os problemas internos enfrentados por diversos países em momentos históricos distintos em que a coroa Portuguesa a fim de povoar o estado tratou de realizar acordos facilitando a vinda destes imigrantes.

Na maioria das vezes as crianças renegam o que não conhecem, e o que não lhes é peculiar em seu cotidiano, pois, o “pré-conceito” com a cultura afrodescendente e indígena é um exemplo claro disso. Mas ao renegar determinadas peculiaridades e características étnicas distintas, pode-se estar renegando a si mesmo. O uso peculiar e cotidiano da erva mate é um exemplo claro deste fato, sendo de origem indígena, e adotado primeiramente pelos imigrantes alemães. Todos os gaúchos preservam esse traço tão característico, muitas vezes sem saber de sua origem.

Com isso o objetivo central da oficina itinerante: cartografia e cultura gaúcha esteve na articulação espacial entre as diferentes culturas étnicas, suas características e diferentes formas de ocupação. Compreender que a diversidade presente no Rio Grande do Sul representa para a atual sociedade uma cultura impar e peculiar, na qual todos os grupos étnicos sem exceção alguma

contribuíram para formar o atual acervo cultural gaúcho pós processos de miscigenação e aculturação.

2. METODOLOGIA

A oficina itinerante cartografia e cultura gaúcha foi desenvolvida a partir da articulação dos referenciais teóricos metodológicos cartográficos com os diferentes traços étnicos históricos, dando ênfase aos diferentes traços culturais de cada etnia, a fim de salientar a importância individual de cada uma na composição cultural que compõe a cultura Sul Rio-grandense.

Foram elaborados slides, no qual a preocupação central esteve em expor o lúdico para as crianças, com uma quantidade grande de fotos que retratassem as peculiaridades das diferentes etnias e suas contribuições. O auxílio de mapas foi outro aspecto que favoreceu, na forma de caracterizar as diferentes formas, lugares e períodos que se deram a ocupação, enfatizando também na importância do lugar para as formas de apropriação e adaptação ao novo espaço.

Conhecida como uma disciplina escolar enfadonha e estática, a Geografia vem sofrendo desde a sua institucionalização no currículo formal com a fragmentação do seu arcabouço teórico e pelas dicotomias a ela associadas (Geografia Física-Geografia-Humana, Geografia Geral-Geografia Regional, Geografia Tradicional-Geografia Crítica). Além disso, a aprendizagem de seus conceitos remete à memorização de conteúdos estanques, divididos em subáreas que, em muitas instituições de ensino, ganham *status* de disciplinas geralmente desvinculadas do cotidiano do aluno e imprecisas no que se refere ao conhecimento acadêmico.

Fugindo deste modelo tradicional e estanque buscou-se trabalhar com o lúdico, a proposta de um jogo de tabuleiro se fez presente para compactuar com um modelo de ensino diferenciado, no qual o aluno é mais ativo no seu próprio processo de ensino e aprendizagem, aprendendo de uma forma divertida e descontraída.

Para o desenvolvimento deste jogo de tabuleiro, foi utilizado como base o mapa físico do Rio Grande do Sul, agregado de imagens numeradas que caracterizavam paisagens naturais e culturais das regiões. Entre essas imagens havia um caminho formado por pequenos quadrados numerados, cuja legenda estava na parte inferior do mapa.

O aluno/jogador lançava o dado e posicionava sua peça na casa indicada; para cada número havia uma legenda, com uma pergunta que após respondida o mesmo poderia avançar ou retroceder no jogo.

As questões, em cartas coloridas, eram relacionadas as etnias e elementos cartográficos explanados anteriormente. O jogador ao responder a pergunta corretamente prosseguia no jogo, e ao errar, permanecia na mesma casa até que a resposta estivesse correta. Vencendo aquele que completasse o circuito primeiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento foi realizado uma atividade denominada piloto, na Escola Silvia Melo, com alunos da 8ª série/ 9º ano, do ensino fundamental.

Durante o desenvolvimento da oficina estavam presentes 6 alunos e a professora titular de geografia.

No primeiro momento, na apresentação dos slides os alunos demonstraram desinteresse, mas do decorrer da atividade, com a proposta do jogo a turma se entusiasmou, e mesmo se tratando de um jogo didático e competitivo, havia cooperação entre eles.

Ao aplicar a oficina tínhamos um resultado imediato do aprendizado, pois ao responder as questões do jogo o aluno tinha que expor o que tinha aprendido anteriormente.

Com isso percebemos que o conteúdo foi discutido e compreendido com facilidade, pois a maioria das respostas estavam corretas. Isto se deu pelo fato da atividade trazer curiosidade sobre nossa cultura. Quando um dos participantes não sabia alguma questão, os colegas ajudavam-no dando pistas, e isto fez com que o aprendizado continuasse durante todo o desenvolvimento da oficina.

No encerramento do trabalho os alunos mostraram-se satisfeitos e agradecidos, pedindo que voltássemos outras vezes, inclusive para aplicar a mesma oficina.

4. CONCLUSÕES

O resultado obtido com esse trabalho mostra o quanto o jogo didático pode ser aproveitado no processo de ensino-aprendizagem. É muito mais fácil aprender de forma lúdica.

Mostrou-se também que o estudo cartográfico pode ser trabalhado de forma intrínseca a outra área do conhecimento geográfico, além de que os participantes da oficina passaram a ver a geografia como uma disciplina interessante e interativa.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF 1998, 156 p.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. -5 ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CASTELLAR, Sônia. VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.